

Universidade de Brasília

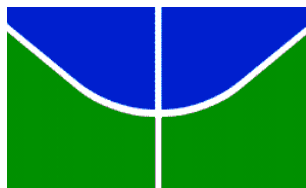
Instituto de Ciência Política

BordAção: o movimento social de bordado político no Brasil

Maria Eduarda Batalha Lima

Brasília – DF

Dezembro/2023



Universidade de Brasília

Instituto de Ciência Política

BordAção: o movimento social de bordado político no Brasil

Maria Eduarda Batalha Lima

Monografia apresentada ao Curso de Ciência Política, do Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciência Política sob a orientação da professora Rebecca Naera Abers.

Brasília – DF

AGRADECIMENTOS

Meus últimos semestre na UnB não foram nada fáceis. Perdi meu pai em outubro, no meio do meu último semestre da graduação, e senti dores que jamais imaginaria sentir. Pensei que não seria capaz de fazer mais nada, e acabei trancando as últimas disciplinas que estava cursando. Mesmo assim, resolvi persistir com minha monografia, que já vinha sendo realizada desde o início do ano. Fico muito feliz de que mesmo com tantos empecilhos ter conseguido realizar um trabalho que eu me orgulhe. Assim, inicio agradecendo ao meu pai, Antonio Carlos Lima, que foi um pai maravilhoso para mim e teve papel fundamental para eu me tornar quem sou hoje. Obrigada por me ensinar a amar a literatura e por me manter fiel ao que eu defendo. Sei que onde quer que você esteja está cheio de orgulho de mim.

Nada disso poderia ter sido feito sem o incentivo que recebo diariamente da minha mãe, Sandra, dos meus irmãos, Camila e Gabriel, e de toda minha família, por isso agradeço a todos pelo carinho e força. Agradeço a todos meus amigos, desde os mais antigos quanto daqueles de quem me aproximei recentemente, por todo o apoio, trocas e risadas, sem vocês eu não seria nada!

Agradeço à Universidade de Brasília e ao Instituto de Ciência Política, que nesses últimos anos se tornaram espaços extremamente especiais e acolhedores, sou eternamente grata de ter estudado em uma das melhores universidades do país e de ter tido contato com tantos professores maravilhosos. E principalmente, agradeço à minha orientadora Rebecca Abers, que desde nossa primeira conversa sobre o tema se mostrou extremamente entusiasmada com minha pesquisa e me ajudou de maneiras que eu nem poderia imaginar. Obrigada por confiar em mim e por me ensinar tanto!

Agradeço ao Projeto Cravinas e à todas as integrantes. O projeto foi essencial para eu me encontrar dentro da Universidade e entender temas por quais sou apaixonada, além de me trazer experiências, aprendizados e oportunidades incríveis. Seguimos juntas em defesa dos direitos sexuais e reprodutivos!

Por fim, agradeço à todas as bordadeiras que se disponibilizaram para as entrevistas e me contaram suas histórias e relação com o bordado, esse trabalho só foi possível graças a vocês. E um agradecimento especial à bordadeira Marisa Silva, a responsável pela ideia desse trabalho, obrigada por me apresentar esse lindo universo que é bordar a política!

“(…) E é no centro das cidades que as mulheres se afirmam, mergulhando nesse coração urbano e andando por onde não deveriam. Andando onde outras pessoas (homens) andam sem suscitar comentários. Esse é o ato transgressor. Sendo mulher, a gente não precisa ficar perambulando com uma jaqueta de náilon para ser subversiva. Basta sair de casa.”

(Lauren Elkin)

RESUMO

O movimento político de bordadeiras no Brasil tem crescido nos últimos anos, principalmente após o golpe sofrido pela ex-Presidenta Dilma Rousseff. Composto por diversos coletivos ao redor do país, as bordadeiras utilizam a arte do bordado como forma de manifestação política, bordando os temas que defendem. Suas criações são colocadas em locais públicos, além de serem compartilhadas nas redes sociais, amplificando sua mensagem e alcançando um público mais amplo. Este trabalho analisa a trajetória, objetivos, técnicas utilizadas e o impacto social e político desses coletivos. A pesquisa foi realizada com apoio da literatura de movimentos sociais, de artesanato e gênero, além de entrevistas semiestruturadas com integrantes dos coletivos. Assim, foi revelado ser um movimento de esquerda, preocupado com a conscientização política da população a partir da criação de diálogos e de desconstruir estereótipos atribuídos ao bordado, que tende a ser associado a algo caseiro e apolítico.

Palavras-chave: movimentos sociais, bordado político, gênero.

ABSTRACT

The political movement of embroiderers in Brazil has grown in recent years, particularly after the impeachment suffered by former President Dilma Rousseff. Comprising various groups around the country, the activists use the art of embroidery as a form of political expression, stitching the themes they advocate for. Their creations are displayed in public places, as well as shared on social media platforms, amplifying their message and reaching a wider audience. This study examines the trajectory, objectives, techniques employed, and the social and political impact of these groups. The research was conducted with the support of literature on social movements, crafts, and gender, as well as semi-structured interviews with members of the groups. It was revealed to be a left-wing movement, concerned with the political awareness of the population through the creation of dialogues and the deconstruction of stereotypes attributed to embroidery, which tends to be associated with something domestic and apolitical.

Keywords: social movements, political embroidery, gender.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Temos que viver trancados – Anônima. Chile, 1979. Foto: Martin Melaugh.....	16
FIGURA 2 - Sala de torturas – Violeta Morales. Chile, 1992. Foto: Colin Peck.....	17
FIGURA 3 - Arte de arpillera disponível no Acervo MAB.....	18
FIGURA 4 - Recorte do memorial de quilts para vítimas de AIDS.....	19
FIGURA 5 - Foto do grupo Knitting Nannas Against Gas.....	20
FIGURA 6 - Bordado feito para ex-primeira-dama, Marisa Letícia.....	23
FIGURA 7 - Bordado em defesa da vacinação.....	29
FIGURA 8 - Integrantes do coletivo Linhas do Horizonte em Manifestação.....	30
FIGURA 9 - Bordado “Memória não morrerá”	31
FIGURA 10 - Bordado “Memória não morrerá” exposto.....	32

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	METODOLOGIA	11
3	O TRABALHO DOMÉSTICO E AS ATIVIDADES ARTESANAIS NO LAR	12
4	MOVIMENTOS SOCIAIS E TRABALHOS ARTESANAIS	16
5	AS EMOÇÕES NA LITERATURA DE MOVIMENTOS SOCIAIS	21
6	OS COLETIVOS DE BORDADO POLÍTICO NO BRASIL	23
	6.1 O Surgimento do bordado político	23
	6.2 As características do movimento	25
	6.3 Identidade política e o papel do afeto	26
7	O BORDADO POLÍTICO E A PANDEMIA	29
	7.1 Afeto e pandemia	31
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
	APÊNDICE A – Questionário das entrevistas semiestruturadas	39

1 INTRODUÇÃO

O bordado é algo antigo, que transcende gerações, culturas e fronteiras. Ao longo da história foi uma expressão de arte silenciosa a ser realizado dentro de casa e tipicamente ensinado de mães para filhas. Serviu como uma expressão de feminilidade e de ocupação para diversas mulheres, e era uma forma de avaliar se estariam prontas para se casarem e seguir seu ofício de donas de casa. Com o passar dos anos, surgem casos em que mulheres passam a vender seus bordados, fazendo com que ganhem um complemento para sua renda familiar ou até mesmo se tornem principais fornecedoras. Porém, mesmo nos casos que o bordado se afasta da lógica de artesanato cujo intuito é ocupar o ócio feminino de donas de casa, ele segue tendo esse caráter ancestral remetendo a família e ao feminino.

Por ter esse caráter de representar a “mulher ideal” e “prendada”, o bordado pode ser visto como algo que reforça a opressão feminina, se opondo aos ideais buscados nas lutas dos movimentos de mulheres. Porém, nos últimos anos se notou o surgimento de coletivos que utilizam o bordado como ferramenta para se manifestar politicamente. Se juntando em lugares públicos, diversos grupos de mulheres começaram a bordar suas agendas sociais e políticas, expondo e distribuindo seus bordados. Elas transformam as percepções tradicionais do bordado como símbolo de submissão e revelam um novo caráter transformador.

Dito isso, a presente monografia busca investigar o movimento social de bordado político no Brasil, que desde 2017 vem bordando pautas sociais e homenagens para aqueles que são vítimas de violência política. O que desperta interesse em estudar esses coletivos é justamente a escolha do objeto que usam para se manifestar, pois é uma forma de expressão que à primeira vista representaria valores opostos àqueles defendidos e as noções de afeto compartilhadas entre as ativistas, que são mulheres aposentadas que encontram no bordado uma forma de manterem a vida social e política ativa.

Dessa forma, a pesquisa parte dos seguintes questionamentos: Por que escolher o bordado como objeto de manifestação? O que pode se alcançar com esse tipo de manifestação? De que forma o afeto influencia o movimento? Como se deu as manifestações do movimento durante a pandemia?

As principais fontes para esse trabalho foram entrevistas realizadas diretamente com as integrantes dos coletivos de bordado, em que puderam expor como entraram em contato com o movimento, suas características e relevância. Busca-se entender o surgimento dos coletivos, o

porquê de utilizarem o bordado para se manifestar, quais são as pautas que defendem e o perfil das bordadeiras que integram os grupos.

Para entender a historicidade e importância do bordado é necessário trazer um pouco sobre como se deu o ensino e a trajetória do bordado no Brasil. Para isso se utilizou de literatura sobre trabalho doméstico e o trabalho manual feminino, trazendo também críticas feministas, como as feitas por Simone de Beauvoir e Betty Friedan. Há uma conexão evidente entre a instrução de técnicas têxteis manuais nas abordagens educacionais das mulheres, servindo como meio de incentivar a passividade, pois os trabalhos artesanais se popularizavam como uma forma de ocupar as mulheres dentro de seus lares (Sennett, 2009). Esses fatos mostram como o bordado acaba sendo intrigante ao ser utilizado como forma de se manifestar politicamente, já que foi criticado por movimentos feministas por reforçar estereótipos e as aprisionar mulheres dentro de seus lares.

A literatura sobre movimentos sociais e sua relação com afetos e emoções também se faz essencial para entender os coletivos, já que os afetos ajudam não apenas a construir os grupos, contribuindo para a formação de sua identidade coletiva, mas também na comunicação com o público-alvo, que sente carinho pela forma de manifestação que realizam e criam um vínculo de afeto quando observam ou recebem bordados.

A escolha do estudo vem da importância de olharmos para expressões diversificadas de movimentos sociais, como nesse caso, que definem uma prática de resignificação de práticas ligadas ao patriarcalismo em forma de expressões artísticas que expõe a defesa dos direitos das mulheres e outros temas políticos, além de observar a importância da criação de laços afetivos entre integrantes de um movimento social e entre seu público-alvo.

O trabalho é dividido em cinco sessões, a primeira apresenta o histórico do bordado junto do trabalho doméstico, e como estes reforçavam estereótipos nocivos para mulheres; a segunda sessão apresenta três movimentos sociais de outros países que também resignificam atividades artesanais; a terceira sessão trata-se de uma introdução a alguns conceitos trabalhados dentro da literatura de movimentos sociais, como a identidade coletiva, que permite entender a relação de movimentos com a emoção; já a quarta sessão tratará especificamente dos coletivos de bordado político, mostrando sua história, características e conexão com a literatura trazida; por fim, é apresentado a relação desse movimento social com a pandemia da Covid-19, em que foi necessário explorar novas de se manifestar, além de terem surgido pautas políticas muito fortes.

2 METODOLOGIA

Esse trabalho trata-se de um estudo qualitativo, um estudo de caso sobre o movimento social de bordadeiras políticas no Brasil. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com integrantes dos coletivos, em que os objetivos foram compreender perfil das bordadeiras e observar semelhanças entre cada uma, entender quais são as causas e o motivo de se manifestarem especificamente a partir de bordados e descobrir a relevância e objetivo de cada grupo, observando seus tamanhos e formas de organização, além de observar suas relações internas com outras integrantes e com o público alvo.

Ao total foram 10 bordadeiras entrevistadas de 6 coletivos diferentes, sendo esses: Linhas da Gamboa, Linhas da Resistência, BordaLuta, Linhas do Rio, Linhas de Sampa e Linhas do Horizonte. As entrevistas foram realizadas via videochamada por meio da plataforma Microsoft Teams, com exceção do coletivo Linhas da Resistência, em que foi possível entrevistar participantes presencialmente e realizar observação-participante em seus encontros. A maioria das entrevistadas apresentavam um perfil similar, mulheres brancas de classe média aposentadas, havendo exceção de uma negra e uma não-aposentada. Como forma de não ferir seu anonimato, não foram citados nomes das entrevistadas, sendo referidas apenas por entrevistada 1, 2, 3 (...).

3 O TRABALHO DOMÉSTICO E AS ATIVIDADES ARTESANAIS NO LAR

Ao longo do trabalho se reflete sobre o envolvimento afetivo do bordado entre as manifestantes e seu público-alvo e como a prática do bordado foi ressignificada pelos coletivos de bordado político. Portanto, antes de adentrar em aspectos teóricos do movimento social é necessário compreender a relevância e popularização do bordado em si.

Em 1949, Simone de Beauvoir escreve seu célebre livro “O Segundo Sexo” em que contém a frase repetida por feministas de todo o mundo: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 2019, p. 11). Beauvoir se refere ao fato de que as mulheres não são predestinadas a terem uma certa personalidade ou exercer uma certa função, e sim que isso foi socialmente construído ao ponto de meninas e mulheres começarem a internalizar determinados valores e tornam-se o que a sociedade espera de uma mulher. Ou seja, os valores culturais criam uma divisão de gênero que faz com que as mulheres sejam vistas como submissas aos homens e destinadas a trabalhos domésticos e de cuidado.

No capitalismo as mulheres exercem uma função uma função de trabalho disfarçada de destino biológico, para além de uma realidade puramente cultural, o gênero se torna uma especificação das relações de classe. O corpo das mulheres, assim como as fábricas para os homens assalariados, é um terreno de exploração e resistência. Portanti, a criação da figura da dona de casa contribui para a invisibilização do trabalho feminino, já que em um regime monetário só haveria valor para atividades que o criam a partir de uma perspectiva econômica (Federici, 2017).

Consequentemente, também se tem um apagamento das mulheres na história, já que estavam destinadas a esfera privada. E com o avanço da sociedade capitalista, se nota que enquanto os homens possuíam o poder de transformar seu destino, o destino da mulher era determinado pela sua anatomia. Betty Friedman (2020, p. 92), importante feminista do século XX, aponta que:

“Mulheres também tem mente. Também tem necessidade humana de crescer. Mas o trabalho que alimentava a vida a fazia avançar não era mais feito em casa, e as mulheres não eram mais treinadas para entender o mundo e trabalhar nele. Confinadas no lar, uma criança entre suas crianças, passiva, nenhum aspecto de sua existência sob seu controle, uma mulher existia apenas para agradar o homem. Era completamente dependente da proteção dele em um mundo de cuja construção não tinha participado:

o mundo dos homens. Ela nunca poderia crescer para fazer um questionamento humano muito simples: “Quem sou? O que desejo””

Para além da exclusão da participação da mulher, estas sofriam uma espécie de alienação para se conformarem com o seu papel social, e não questionarem o surgimento de outros desejos. Como forma de ocupar as mulheres dentro de casa e reforçar essa alienação, vão surgindo atividades artesanais tidas como “femininas”.

A popularização do bordado nasce conectada à noção de tornar-se mulher e esse suposto destino biológico. O artesanato atinge seu ápice de produção durante a Idade Média, e o Clero, sendo a principal autoridade religiosa da época, exerce papel fundamental em promover atividades que seriam destinadas às mulheres na Europa (Rosa, 2017, p. 17). E, por considerarem as mulheres propensas a libertinagem sexual, os patriarcas da igreja acreditavam que poderiam combater essa “tentação feminina” através da ocupação de suas mãos com alguma forma de artesanato, em especial ao da agulha, sendo na tecelagem ou no bordado, colocando-os como um remédio para a ociosidade feminina (Sennett, 2009, p. 52).

No contexto do Brasil Colônia, as novas famílias que iam sendo formadas seguiam o modelo português, em que o destino da mulher também estava associado à sua função biológica de reprodução. A educação formal era um privilégio para poucas pessoas, as classes elevadas recebiam uma educação diferenciada, ligada aos papéis que iriam exercer no futuro e apenas os meninos eram ensinados a ler e escrever. As meninas, não recebiam nenhuma forma de educação formal, sendo inclusive considerada uma heresia, eram colocadas para aprender a lidar com atividades domésticas, como cuidados com o lar, marido e filhos. As únicas exceções de meninas que tinham direito ao aprendizado às letras eram as que iam para os conventos (Pacheco, 2017)¹.

Mesmo mulheres que não se casam, e que supostamente se afastariam da noção de “esposa ideal”, são afetadas pela lógica do trabalho doméstico ser natural a elas. Pois, ao se naturalizar o trabalho doméstico, este se torna um atributo feminino e acaba sendo esperado que todas as mulheres o realizem e o considerem uma atividade prazerosa, até mesmo para mulheres de classes mais altas que possuem dinheiro para pagar uma terceira pessoa para fazê-lo. Desta maneira, como afirmado pela filósofa italiana Silvia Federici (2019, p. 46): “podemos

¹ Ao falar “meninas”, refere-se principalmente às meninas brancas, já que a educação de indígenas no país era realizada por jesuítas e as meninas negras sofriam exclusão, tendo sido admitidas em conventos apenas em 1720 e para atuarem como servas (Pacheco, 2017).

não servir a um homem, mas todas estamos em uma relação de servidão no que concerne ao mundo masculino como um todo”.

A primeira grande lei escolar surge no período do Brasil Império, em 1827, que pela primeira vez determinava que as meninas poderiam estudar, porém com currículos diferentes dos oferecidos aos meninos. Nas aulas de religião e português o conteúdo era o mesmo, enquanto em matemática, por serem consideradas menos capazes, as meninas recebiam uma quantidade menor de tarefas e eram restringidas ao ensino das quatro operações básicas, enquanto os meninos se aprofundavam em demais formas de realizar contas. Outra diferença é que o currículo das meninas previa aulas de prendas domésticas como corte, costura e bordado (Westin, 2020).

A substituição da oferta de matérias como geometria pela costura e bordado representava um obstáculo para o acesso à diversas profissões, já que não poderiam prestar exames para funções que exigissem matérias que não haviam cursado na escola. E mesmo tendo acesso à educação, as mulheres eram limitadas a um ensino de nível primário, não sendo permitido que prosseguissem com estudos secundários ou superiores. Portanto, apesar de haver uma legislação que teoricamente promettesse igualdade salarial, esse não era um direito socialmente reconhecido e essa igualdade era inatingível devido à disparidade no currículo educacional (Souza, 2021, p. 49)

No mais, o bordado acaba sendo amplamente popularizado entre mulheres brasileiras como um instrumento para se ocuparem dentro de seu ofício de trabalhadoras domésticas. A historiadora britânica Rozsika Parker (1996) fala que os bordados expressam principalmente a noção de casa e família, porém, mais que isso, evocam mães e filhas e as relações de cuidado, sendo usado para reforçar a noção de que a feminilidade é uma característica natural das mulheres.

Até mesmo o fato do bordado ser visto como uma espécie de artesanato e não de arte pode ser entendida como uma hierarquia da relação de homens e mulheres. O artesanato representaria uma expressão com menos valor artístico, supostamente por não exigir o aprofundamento de tantas técnicas e estudos, como no caso do desenho e a pintura. Porém, para Parker (1996, p. 6), o valor é atribuído justamente por quem faz aquilo e onde o faz, isto é, os homens produziam arte para o público e por dinheiro, enquanto as mulheres realizam os bordados dentro de casa e por amor.

Logo, atividades entendidas como artesanais seriam desvalorizadas não por se caracterizarem por determinada técnica ou forma, mas sim por seu caráter feminino. Em sua origem, o bordado exerce função de reforçar estereótipos de gênero e a divisão sexual do trabalho, devido ao fato de ser construído como uma atividade feminina a ser realizada dentro do lar. É uma maneira de ocupar a vida de mulheres que fadadas a vida doméstica, Beauvoir (2019) afirma inclusive que formas de atividades manuais não possuíam importância em si para as mulheres, o objeto a ser produzido não era necessariamente o fim visado, em vez disso, eram uma maneira de preencher o vazio experimentado devido à falta de oportunidades significativas em suas vidas.

Com a possibilidade de venda de seus bordados, começam a surgir casos em que o bordado foge da lógica de ocupação do ócio feminino e passa a servir de instrumento para ascensão social. Ele se torna uma possibilidade para mulheres atingirem autonomia, passando de uma posição de subordinação para de cidadã intelectualmente produtiva (Rosa, 2019, p. 18).

Ainda hoje profissão de artesã no Brasil segue ligada a vulnerabilidade social e econômica, porém, quando conseguem transformar o bordado em principal fonte de renda, as bordadeiras demonstram sentir orgulho. O bordado acaba se transformando em algo para além de uma mera atividade de sustento, se torna parte intrínseca de suas vidas e “um aliado que as ajuda a seguir e a suportar as adversidades” (Almeida, 2016, p. 10). Mesmo não sendo suficiente para que alcancem mérito social e sejam capazes de diminuir discriminações sofridas em seus cotidianos, há uma relação afetiva dessas mulheres com seus trabalhos manuais.

4 MOVIMENTOS SOCIAIS E TRABALHOS ARTESANAIS

Os coletivos de bordado político do Brasil não representam o primeiro caso de mulheres que utilizam técnicas artísticas tradicionais para fazer política. Dentre diversos exemplos, o mais conhecido é o das Arpilleras no Chile. Arpilleras são imagens artísticas bordadas em retalhos que surgiram no litoral chileno e se popularizaram por Violeta Parra nos anos cinquenta. Durante a ditadura militar chilena de Augusto Pinochet (1973-1990), mulheres começaram a encontrar conforto na técnica, para compartilhar dores causadas pela ditadura, que ocasionou milhares de mortos e desaparecidos (Pereira, 2022, p. 483)



FIGURA 1 - temos que viver trancados – Anônima. Chile, 1979. Foto: Martin Melaugh.
Disponível em: https://memorialdaresistencia.org.br/wp-content/uploads/2021/02/folder-arpilleras_208.pdf



FIGURA 2: Sala de torturas – Violeta Morales. Chile, 1992. Foto: Colin Peck. Disponível em: https://memorialdaresistenciasp.org.br/wp-content/uploads/2021/02/folder-arpilleras_208.pdf

Com a representação de pessoas e elementos do cotidiano, as arpilleras foram capazes de criar narrativas, tecendo laços afetivos em um contexto de grande repressão e violação de direitos (Grisales, 2020, p. 2). Essa técnica se espalhou e inspirou outros movimentos sociais de diferentes países latinos. O movimento brasileiro MAB (Movimento Atingidos por Barragens) é um desses. Encontraram na arte arpillera uma forma de contar sua história, os coletivos de mulheres que a praticam surgiram em 2013 e estão espalhados em mais de 19 estados brasileiros. Uma das coordenadoras do coletivo, Daiane Honh, em entrevista a Brasil de Fato afirmou que: “As arpilleras dizem o que as vozes às vezes não conseguem dizer” (Nicolav, 2022).



FIGURA 3: Fonte: Acervo MAB. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2021/11/05/arpilleras-conheca-a-experiencia-de-raiz-chilena-que-tece-a-resistencia-de-mulheres-no-brasil>

Outro movimento é o dos Quilts nos Estados Unidos. A técnica utilizada é o “quilting”, em que a partir da junção de vários retalhos costurados são realizadas tecidos acolchetados para se cobrir. Por ter esse mesmo caráter tradicional entre mulheres na América do Norte, foram surgindo quilts mais politizados que também carregam pautas sociais. Um dos usos mais memoráveis dessa técnica foi o utilizado no “AIDS Memorial Quilt”, que foi um memorial realizado em homenagem a vítimas de AIDS nos Estados Unidos. Pesando 54 toneladas, o memorial hoje contém cerca de 50 mil painéis que contém nomes de mais de 110 mil indivíduos. No website do memorial é possível navegar por todos esses painéis e ver os nomes de todos aqueles que foram homenageados.

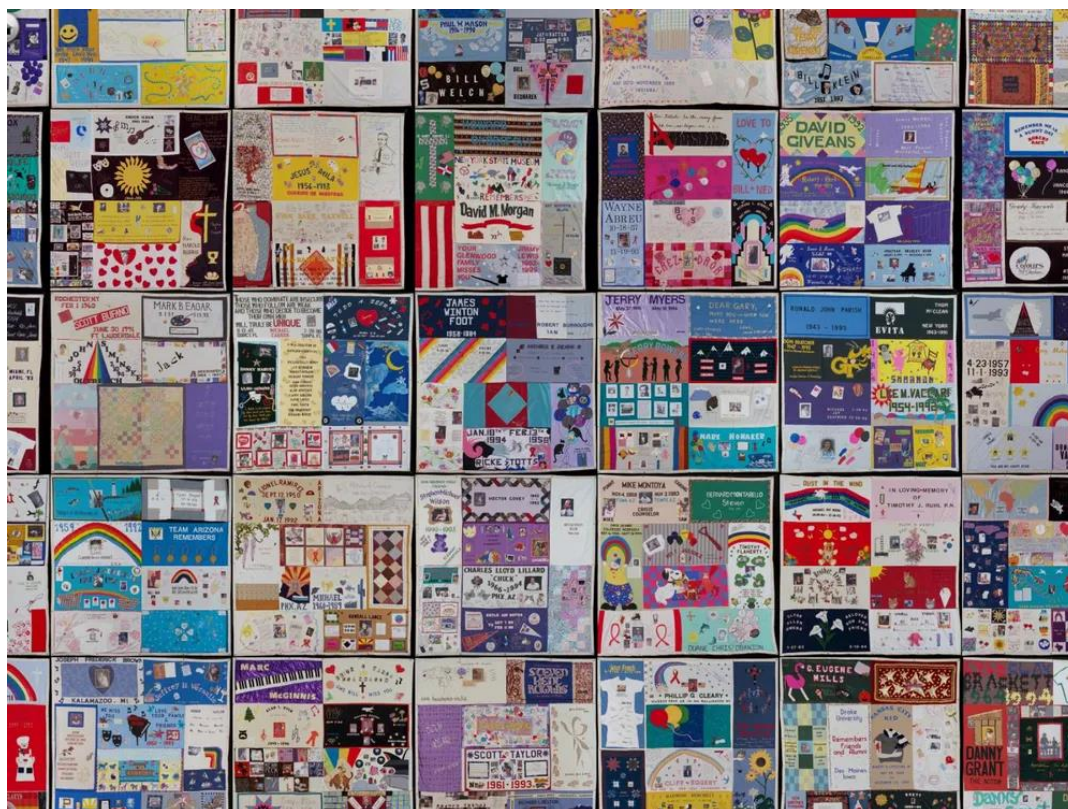


FIGURA 4: Recorte do memorial de quilts para vítimas de AIDS. Disponível em: <https://www.smithsonianmag.com/smart-news/aids-memorial-quilt-now-online-180975370/>

Por fim, outro exemplo é o Knitting Nannas Against Gas (KNAG), um grupo australiano que traduzindo seu nome seria algo como: Vovós tricotando contra o gás. O grupo é composto por cerca de 40 mulheres idosas, a maioria na Austrália, mas também algumas no Reino Unido e Estados Unidos. Seu objetivo é protestar contra o desenvolvimento de gás de camada de carvão, que afeta negativamente sua região. Para isso, buscar ocupar espaços públicos para tricotar, incluindo manifestações, comícios, locais de mineração e na frente de gabinetes de políticos. Como forma de se manterem consistentes, vestem roupas pretas e amarelas, e usam as mesmas para tricotar, e dessa forma, por meio da provocação e humor se fazem presentes e chamam atenção para sua causa (Ercan; Asenbaum; Mendonça, 2023, p. 15)



FIGURA 5: Galeria do Knitting Nannas Against Gas. Disponível em: <https://knitting-nannas.com/gallery/>

5 AS EMOÇÕES NA LITERATURA DE MOVIMENTOS SOCIAIS

Dentro do campo da literatura sobre movimentos sociais, é discutido como a interação entre os participantes dentro de um mesmo movimento conduz à formação de laços afetivos, comumente referidos como "identidade coletiva" por diversos autores. Melucci (1995), uma das principais referências sobre identidade coletiva, fala que a ação coletiva é um resultado de propósitos, recursos e limites, que são construídos através das relações sociais em um sistema de oportunidades. De forma coletiva, os indivíduos vão construindo sua ação através de investimentos organizados, e simultaneamente vão ativando seus relacionamentos para dar sentido ao "estar junto" e aos objetivos que almejam.

Segundo Melucci (1995), a definição de ação coletiva construída pelos atores não é linear, e sim produzida por meio da interação, negociação e oposição de diferentes orientações, eles produzem ação coletiva pois conseguem definir a si mesmos e sua relação com o meio externo. Com isso, a identidade coletiva acaba sendo necessária para se ter continuidade e permanência dos membros de um movimento social ao longo dos anos.

O autor também coloca o investimento emocional como fator chave para entender a identidade coletiva, pois este permite com que os indivíduos se sintam parte de uma comunidade. Sentimentos relacionados a paixão, amor, fé, ódio e medo compõe parte de um corpo que atua coletivamente, sendo observados em áreas da vida social e em movimentos que são menos institucionalizados. Portanto, não faria sentido tentar colocar as emoções como a parte irracional dentro de um movimento social, como foi argumentado por outros autores, já que não há cognição sem sentimento e não há significado sem emoção (Melucci, 1995).

Vera Taylor e Leila J. Rupp (2002) também trazem a noção de que a cultura da emoção é essencial na construção de sua identidade coletiva, e afirmam que ela especialmente importante na compreensão de movimentos de mulheres e feminismo. Ao olhar para movimentos sociais compostos por mulheres, se nota que devido à falta de poderes em relação aos homens e serem seres mais emocionais, as mulheres possuíam maior facilidade de transformar o ódio em amor, o que explicaria seu sucesso em manter movimentos sociais em ativa em relação a movimentos compostos por homens.

As autoras explicam que dentro de organizações transnacionais, as mulheres tendem a se apoiar em tradições femininas, como afeto e amizades íntimas. Logo, a polaridade e a hierarquia criada entre homens e mulheres trabalham em favor da criação da identidade coletiva de movimentos compostos por mulheres (Taylor; Rupp, 2002).

Em estudos brasileiros mais recentes, muitas ativistas defendem a estratégia do “autocuidado e cuidado entre ativistas”, em que acreditam que o crescimento pessoal e formação de vínculos traz fortalecimento para os coletivos. Portanto, defendem a ampliação e fortalecimento dos vínculos de solidariedade e reciprocidade, para então, coletivamente enfrentarem a dominação patriarcal, a ordem heteronormativa, etnocêntrica e racista (CFEMEA, 2023).

Conforme apontado por Guacira Oliveira (2015), o cuidado entre ativistas gera forças contra hegemônicas, pois para ela é uma forma de intervenção política e “um caminho para interpelar o individualismo, o sexismo, o racismo e outras formas de discriminação que interiorizamos e que continuam nos oprimindo dia após dia”. Rejeitam dualismos e formas de superioridade, como a ordem patriarcal e as falsas separações entre o pessoal e o político, entre a emoção e a razão, o individual e o coletivo, e assim lutam contra noções de inferioridade impostas às mulheres e pessoas racializadas.

É interessante entender essas discussões ao olhar para o caso das bordadeiras, no sentido de que estas criam vínculos sociais e afetivos umas com as outras. O movimento e os coletivos se tornam mais do que a defesa das causas em si, mas um espaço de acolhimento, em que fortalecem e criam amizades.

6 OS COLETIVOS DE BORDADO POLÍTICO NO BRASIL

6.1 – O SURGIMENTO DO BORDADO POLÍTICO

O bordado político, ao que o nome já indica, são bordados com temas políticos. Podem ser feitos tanto em homenagem a alguém, como em favor ou em oposição a algo ou uma causa. Recentemente surgem diversos coletivos que têm como objetivo se unir para bordar em torno de pautas de esquerda.

Várias entrevistadas afirmaram que o primeiro coletivo de bordado político no Brasil é o Linhas do Horizonte. Surgido em Belo Horizonte em 2016, este inspirou diretamente o surgimento dos demais coletivos. Nesse período, enfrentavam um momento de grande efervescência política, em que muitas das mulheres que hoje integram o coletivo estiveram presentes em greves secundaristas fazendo arrecadações de mantimentos. Dessa forma, uma entrevistada expôs que durante uma conversa sobre outro tema que estava sendo muito falado na época – a misoginia direcionada a então esposa do Presidente Lula, Marisa Leticia – resolveram procurar uma forma de homenageá-la. Com isso, acabou surgindo a ideia de fazer um grande bordado composto por outros pequenos bordados realizados por diferentes mãos.



FIGURA 6: Página da Gleisi Hoffmann no Facebook. Disponível em:

https://www.facebook.com/gleisi.hoffmann/photos/a.138762686300993/795310423979546/?p_aipv=0&eav=AfYMSfSq8HyxZ2j5H_Ei2RvGsDi2b8srFJLAOHIWtuYtNMqu9k8maGwgsXYwmNdc5JY&_rdt. Acesso em 03 out. 2023.

Infelizmente, só conseguiram terminá-lo após o falecimento de Marisa, e o bordado foi entregue ao próprio presidente Lula em julho de 2017. Após essa homenagem, se sentiram inspiradas a realizar ações similares e fizeram um bordado para homenagear a ex-presidenta Dilma Rousseff, que além de receber diversos ataques misóginos na mídia estava sofrendo o processo de impeachment. A homenagem a presidenta foi bordada por mulheres que estiveram presas com ela no Presídio Tiradentes durante a ditadura militar, também conhecido por Torre das Donzelas.

Após essas homenagens, as mulheres envolvidas reconheceram a força e potência política de seus bordados, e resolveram criar seu coletivo. Segundo o depoimento de várias entrevistadas, a proposta é explorar a expressão artística do bordado em conexão com diversas causas sociais, indo além dos bordados de homenagem. Nesse contexto, as envolvidas se unem para ocupar espaços públicos e bordar nas ruas, atraindo a atenção de quem passasse por ali, e nasce o que chamam de “BordAção”, brincadeira de palavras que se refere a ação política. Também criam o conceito inovador de "bordado panfletado", que diferente do panfleto convencional de papel, esse método utiliza tecido, consistindo em pequenos bordados temáticos distribuídos pelas ruas e durante manifestações (Entrevistada 4, 2023)

Uma das entrevistadas desse coletivo afirma que a atuação política com o bordado é uma forma de ter a consciência mais leve, já que consegue lutar contra injustiças dentro de seus próprios limites. Ela define a relevância de sua atuação como algo voltado à conscientização do restante da população, que muitas vezes ignora ou não enxerga problemas sociais que atingem milhares de pessoas.

Inspiradas pelo trabalho feito pelo coletivo Linhas do Horizonte, vão surgindo outros diversos coletivos em outras cidades, como o Linhas de Sampa em São Paulo, o Linhas do Rio e Linhas da Gamboa no Rio de Janeiro, o BordaLuta e Linhas da Resistência no Distrito Federal, entre outros. Conforme relatado nas entrevistas, os coletivos seguem o mesmo modelo de atuação política: se unem para confeccionar os bordados em algum lugar público e se mantêm abertas para estabelecer diálogos com quem passar por ali e quiser conhecer mais sobre o coletivo e as pautas defendidas, se diferenciando apenas em ações mais pontuais. Portanto, enxergam no bordado uma forma de conscientizar o restante da sociedade.

Hoje eu tenho absoluta certeza que todas as pessoas devem ter no mínimo um pouco de consciência política, e é uma coisa que eu quero fazer muito é levar a

consciência política para as pessoas. É absolutamente relevante ter conhecimento sobre política. Eu era uma jovem alienada, não me envolvia muito, e hoje vejo que errei e quero que os jovens se envolvam mais

Fala da Entrevistada 9

Tal como é trazido dentro da literatura de movimentos sociais, se vê aqui um exemplo de como indivíduos vão construindo sua ação coletiva como consequência de propósitos compartilhados em relações sociais dentro de um sistema. Diferentes mulheres com objetivos comuns estavam buscando uma forma que pudessem se manifestar politicamente sem ultrapassar seus limites pessoais, e assim, construíram uma comunidade de bordadeiras com ideologias e vivências similares que se uniram em torno de causas em comum.

6.2 – AS CARACTERÍSTICAS DO MOVIMENTO

As entrevistadas afirmam que sua forma de se manifestar politicamente se destaca em relação a outras por carregar consigo seu lado artesanal, ancestral e afetuoso, e que os bordados expostos chamam a atenção de quem os vê, consequentemente trazendo atenção à causa que estiver sendo retratada nele. E no caso dos pequenos bordados panfletos, estes se diferem fortemente dos panfletos de papel, já que os de papel são distribuídos em enormes quantidades e na maioria das vezes acabam parando no lixo, e segundo as entrevistadas, o panfleto bordado desperta uma espécie de vínculo afetivo por aquela arte, pois devido ao histórico de tradição familiar do bordado, ele se aproxima de memórias familiares afetuosas, o que leva as pessoas a guardarem aquele bordado que lhes presenteado e cria curiosidade acerca do tema.

Dessa maneira, o bordado deixa de ser um trabalho artesanal ligado ao lar para tornar-se uma forma de comunicação visual engajada, incorporando-se ativamente ao espaço público, desafiando a lógica de objeto que pertence ao lar e alienamento feminino que popularizou a prática. As integrantes dos coletivos não apenas bordam como forma de arte e como um meio de disseminar mensagens específicas relacionadas a diversas causas sociais, e essa ocupação de espaços públicos e a distribuição dos bordados panfletados cria um diálogo visual que estimula reflexões e desperta a consciência das pessoas em relação às questões abordadas.

Além de superarem as fronteiras entre o público e o privado, as bordadeiras afirmam que inovam dentro de suas técnicas, optando pelo bordado livre em vez de seguir formas específicas. A Entrevistada 1 faz questão de enfatizar que o bordado que fazem não é o mesmo que faziam antes; não se prendem a perfeição, e sim ao objetivo de passar uma mensagem. Ela

afirma que esse formato acaba atraindo mais pessoas para compor os grupos, pois muitas ao se aproximarem dos coletivos se sentem inseguras por não possuírem habilidades prévias com a técnica.

Em adição, afirmam que o bordado as permite passar ideias através da arte, que é algo que toca profundamente as pessoas. A entrevistada 5 afirma que a importância do bordado político também está ligada à valorização da arte, que sofreu muitos ataques do ex-Presidente Jair Bolsonaro com seus posicionamentos contra a arte. Menos trazendo menor importância ao lado estético, não negligenciam o lado artístico, uma vez que a beleza dos bordados desempenha um papel crucial em atrair atenção para seus coletivos e suas causas.

6.3 – IDENTIDADE POLÍTICA E O PAPEL DO AFETO

Todos os coletivos mencionados fazem questão que sejam identificados no espectro político de esquerda. Costumam contar com cerca de até 10 participantes mais ativas, e grupos no *WhatsApp* que variam de 40 a 80 pessoas que participam eventualmente de alguma atividade ou se juntam para bordar. São compostos por mulheres de classe média, em sua grande maioria já aposentadas, que tiveram ou não envolvimento político quando mais jovens. Elas relatam que encontraram no bordado uma forma de ativismo “calmo”, que além de ser uma forma de se ocuparem, as permite se manter ativas politicamente e engajar em torno daquilo que defendem.

Como dito anteriormente, são mulheres de esquerda, e estas salientam não serem radicais e nem partidárias, apesar da maioria ter um vínculo forte com o Partido dos Trabalhadores, sendo que algumas das entrevistadas já foram filiadas e uma delas até vereadora pelo partido. No geral, os bordados não giram em torno de pautas únicas, mas sim pontuais, como em datas específicas como o Dia da Mulher, Dia do Trabalho, Dia do Orgulho LGBTQIA+, entre outros, e quando algum tema está sendo muito tratado na mídia.

Nota-se que assim como teorizado por Melucci (1995), as integrantes do coletivo mostram como é possível produzir sua ação coletiva a partir da definição dos ideais do grupo, o que as permite manter sua identidade coletiva, mantendo continuidade do movimento e atraindo novas integrantes.

Além de suprir essa ansia por se manifestar politicamente, as entrevistadas relatam que os coletivos também as ajudam a ter uma vida social mais ativa, já que as faz sair de casa, criar vínculos e socializar com diferentes pessoas.

Eu acho que é importante para as pessoas que chegaram na minha idade poder saber que é possível construir novas amizades. Isso foi uma coisa muito interessante, porque os coletivos também são uma forma de encontrar os seus parceiros, né? Porque eles estão todos aí, né? Basta você ficar disponível para encontrar. Ele vai acabar encontrando quem são aqueles seus irmãos de alma, seus parceiros e pessoas que você vai falar e vai ser ouvido e tal

Fala da Entrevistada 7

Trazendo o conceito de repertório de Tilly (2008), em que diversas performances compõem o repertório de uma ação, pode-se entender os diferentes bordados como performances diversas que juntas vão compondo a identidade coletiva do movimento. As performances também precisam se adaptar a rotina dos ativistas, e no caso das bordadeiras criam uma forma de performance especificamente voltada para seus estilos de vida. As BordAções, nome que dão para a prática de bordar em público em que destacam a palavra “ação”, permitem interagir com outros ativistas e manterem uma vida social e política, porém sem trazer riscos para si mesmas, é uma forma de se manifestarem passivamente e que acaba sendo mais confortável levando em consideração suas idades e rotinas.

Portanto, o investimento emocional traz aos atores o senso de pertencimento, criando uma comunidade de afeto entre as ativistas. Da mesma forma que se apoiam em tradições femininas afetuosas e se fortalecem pela amizade para a criação de sua identidade coletiva (Taylor; Rupp, 2002).

Nenhum dos grupos relatou vender bordados, apenas aceitam doações. O único caso de venda foi do Linhas do Horizonte, em que um museu de Madrid solicitou um bordado, e aceitaram, pois, traria maior visibilidade para o grupo. Assim, o dinheiro recebido fica reservado para o coletivo e compra de materiais.

A gente nunca vende o trabalho, sempre damos para as pessoas como presentes. E como estamos inseridas em uma sociedade capitalista, em que tudo vira mercadoria, há um espanto das pessoas de receberem uma coisa no meio da rua. Receber alguma coisa de presente que não se precisa pagar e que não tem nenhum valor estipulado para ela é algo fora do comum, então sempre perguntam quanto custa e se podem dar uma contribuição monetária.

Fala da Entrevistada 7

O simples fato de não venderem seus bordados demonstra essa característica de autocuidado e cuidado entre as ativistas, pois buscam tocar os sentimentos das pessoas sem exigir nada em troca. Conforme relatado nas entrevistas, as bordadeiras buscam mostrar a potência que a solidariedade e empatia carregam, fazendo política de forma pacífica e desafiando o individualismo imposto dentro da sociedade capitalista.

Quando questionadas sobre a presença de homens em coletivos de bordado político, muitas responderam que já viram em outros coletivos, no entanto, durante a pesquisa, não foi observada a participação de nenhum homem nos coletivos entrevistados e nem naqueles que possuem páginas na internet. Dentre entrevistadas que desconheciam homens bordadeiros, afirmaram que quando homens tentam se envolver, a percepção que elas têm é de que eles "não dão conta", indicando uma dificuldade em se comprometer totalmente. Todas as entrevistadas enfatizaram que não têm objeções à participação masculina, mas observaram que os coletivos tendem a ser totalmente compostos por mulheres devido à relutância ou desistência frequente dos homens que tentam se envolver, resultando em seu afastamento.

a questão feminista fica muito forte dentro do bordado, porque normalmente são mulheres bordando, né? No nosso grupo só existem mulheres, não tem nenhum homem que faça parte do grupo, não porque a gente não permita, mas porque eles não se chegam.

Fala da Entrevistada 9

7 O BORDADO POLÍTICO E A PANDEMIA

A pandemia da Covid-19 é um momento interessante para se observar o movimento social de bordado político, pois por se caracterizar por sua presença nas ruas, nota-se que tiveram necessidade de buscar outros métodos para se manifestar. Além do próprio formato das manifestações, também surgem pautas específicas ligadas à agenda política daquele momento.

Esse momento demandou uma pausa dos encontros semanais dos coletivos para bordar nas ruas, porém, não deixaram de se mobilizar. Assim, as entrevistadas relatam que precisaram repensar formas de atuar politicamente e então suas manifestações começaram a ser feitas principalmente via redes sociais, a partir da publicação de imagens dos bordados. As pautas costumavam envolver os temas debatidos no momento, como a defesa do isolamento social e das medidas sanitárias, demanda por auxílio emergencial e vacinação gratuita para todos, valorização do Sistema Único de Saúde, entre outros.



FIGURA 7: Página do Instagram do coletivo Linhas de Sampa. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMW4q-SHOnK/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

No momento que as pessoas voltam a ocupar as ruas em manifestações que pediam o impeachment do então presidente Jair Bolsonaro e surgiam gritos como o “comida no prato e vacina no braço”, os coletivos de bordadeiras se fizeram presentes expondo seus bordados.



FIGURA 8: página do Instagram do coletivo Linhas do Horizonte. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CgrmOdBuw7e/?igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D>

Em março de 2021, quando o Brasil alcançou a triste marca de 300 mil vidas perdidas devido à pandemia de covid-19, o coletivo Linhas do Rio lançou um projeto intitulado "Memória não morrerá". Conforme relatado pela Entrevistada 10, o projeto consistiu em costurar nomes de vítimas, similar ao que foi feito no memorial de Quilts sobre a AIDS. O objetivo foi sensibilizar a população de que esse número não representa meramente uma estatística, mas sim indivíduos que perderam a vida em consequência da negligência do governo perante uma crise sanitária, e que há milhares de familiares e pessoas próximas sofrendo com suas perdas. Estiveram envolvidos coletivos de diversos lugares do Brasil, sendo eles: Linhas do Horizonte (Belo Horizonte), Linhas de Sampa (São Paulo), Linhas do Mar (Caraguatatuba), Linhas de Santos (Santos), Bortaluta (Brasília), Pontos de Luta (Belo Horizonte) e até um coletivo de Nova Iorque denominado Mulheres da Resistência no Exterior.

Aquele negócio que começou com a gente fazendo um trabalho aqui na praça junto à meia dúzia, se transformou em um trabalho enorme. Entramos em contato com grupos que a gente sabia que existiam e apresentamos o projeto de bordado. Isso só foi possível graças à internet e aos Correios. O objetivo é fazer circular esse material e trazer destaque a memória. São mais de 40 painéis bordados com os nomes de várias pessoas com homenagens as pessoas, além de trazer destaque para a cultura e ciência

Fala da Entrevistada 9.



FIGURA 9: página do Instagram do Linhas do Rio. Disponível em:
https://www.instagram.com/p/CVsVXKWraR1/?img_index=1

Além de postarem a iniciativa nas redes sociais, as bordadeiras levavam esses bordados com nomes para manifestações e os expunham em locais públicos, com o objetivo de fazer quem passasse se lembrar da dor e sofrimento causados pela pandemia.

7.1 AFETO E PANDEMIA

Iniciativas como a citada anteriormente ajudam a compreender a relação dos movimentos sociais com o afeto para além da interação entre os atores, pois surge de uma noção de empatia com vítimas de um vírus que atingiu o mundo todo, em um momento em que os líderes políticos do país falavam sobre prejuízos econômicos e tratavam as mortes como meras estatísticas. Foi necessário que gerassem, como apontado por Oliveira (2015), forças contra hegemônicas que humanizassem a política.

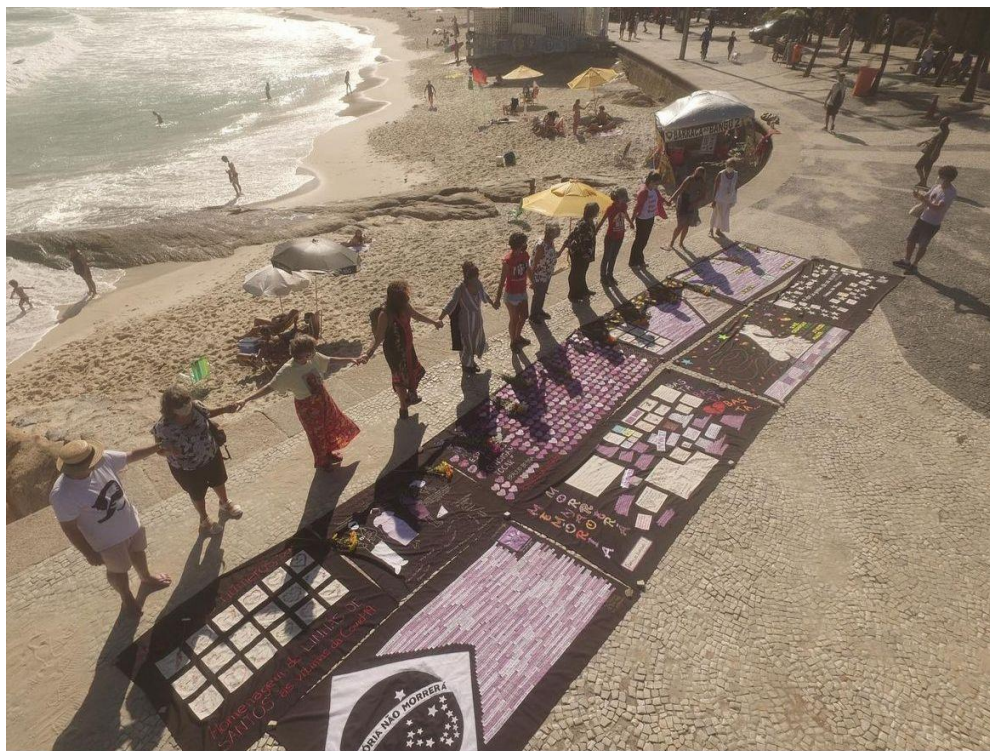


FIGURA 10: Página do Linhas do Rio no Instagram. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/CPNDuT7JwkX/?igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D>

Durante as entrevistas, as bordadeiras explicam que os coletivos foram essenciais para manter suas sanidades em um momento tão delicado, já que se sentiam menos solitárias podendo contar com uma rede de mulheres para conversar e expor suas angústias.

“Eu acho que especialmente durante a pandemia só sobrevivemos com sanidade graças ao coletivo, porque a gente conseguia fazer alguma coisa juntas, mesmo estando cada uma no seu canto, cada uma na sua casa. Graças a isso e graças a internet era possível que a gente se reunisse, se olhasse e se encontrava também”

Fala da entrevistada 7.

Novamente evidenciam a importância da identidade coletiva e as relações interpessoais entre as ativistas. Em um momento desesperador, o coletivo permitiu que não se sentissem tão sozinhas e trabalhassem suas angústias através da expressão artística do bordado. Os laços emocionais são fortalecidos pelas experiências e dores compartilhadas entre si, destacando a ideia trazida anteriormente sobre a força do cuidado entre ativistas.

Dentre os coletivos entrevistados, um deles surgiu da necessidade de se ocupar durante o período de reclusão. Antes da pandemia, a Entrevistada 1, uma das bordadeiras que ajudou a fundar do grupo, vinha se envolvendo com projetos de bordado que ressignificavam a prática e

através da bordação de histórias, porém, o avanço do vírus levou-a interromper seus projetos. Ela relata que a reclusão lhe causava sentimentos de solidão, e que isso a incentivou a iniciar um projeto denominado “Fio às Cinco em Pontos”, que consiste em lives na plataforma Instagram dedicadas ao bordado. O projeto existe desde maio de 2020 e a permitiu se conectar com mais de 350 bordadeiras e artesãs de todo o Brasil, em que muitas relatavam compartilhar desse sentimento de solidão.

Por já estar familiarizada com os coletivos de bordado político e ter tido essa trajetória de bordar narrativas, a Entrevistada 1 acabou contatando uma das mulheres que sempre marcava presença em suas lives, e fundam seu próprio coletivo, o Linhas da Gamboa. Devido a situação da época, inicialmente se encontravam formato virtual, mas hoje já conseguem ocupar as ruas e expor seus bordados. As integrantes que começaram a bordar nesse período de reclusão afirmaram ver no bordado uma forma de “não adoecer psiquicamente”, pois além de as manterem ocupadas, conseguiam manifestar suas insatisfações com o governo e a situação política, fazendo críticas para além das relacionadas a negligência com a corona vírus.

“Acho que a pandemia potencializou artes manuais no geral, nos deu um tempo que havíamos perdido com nós mesmos no mundo capitalista, em que passamos o dia fora de casa e não conseguimos cuidar de casa – isso para quem não adoeceu, e evitava adoecer psiquicamente. Por isso resolvemos a fazer o bordado livre, que não o mesmo ensinado às suas mães, com tanta disciplina”

Fala da Entrevistada 1

Apesar de surgido em um momento diferente, o coletivo segue a mesma lógica de uma ser uma rede de apoio de mulheres e de ser uma forma em que conseguiram suprir sua necessidade de expressar seus anseios e insatisfações com a política. Conforme explanado pelas bordadeiras que foram entrevistadas, os coletivos seguem a mesma lógica apontada por Melucci (1995), em que investimento emocional é essencial para compreender suas identidades coletivas, já que até mesmo suas pautas carregam sentimentos.

A entrevistada 2, do mesmo coletivo, acredita que a pandemia trouxe um crescimento do movimento de bordado político, pois: “Naquele período houve grande vontade de se expressar contra o que estava posto no governo dos últimos 4 anos, e assim muitas encontraram no bordado uma forma de se manifestar”

Em casos como esse, é intrigante observar como inicialmente muitas mulheres recorreram ao bordado como forma de combater o ócio, assim como faziam nos séculos

passados, porém, diferente de como se costumava argumentar, ele não aparece mais como um incentivo à sua alienação, e sim o oposto, se politizando cada vez mais. A partir do bordado elas manifestavam seus sentimentos em relação a diversas injustiças que acometiam o país durante uma emergência sanitária.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bordado político tende a ser algo chamativo e afetuoso por carregar esse caráter artístico e ser realizado artesanalmente por mulheres mais velhas. Porém, quando analisa esses coletivos, eles se tornam ainda mais intrigantes, pois toda a origem do bordado representa o oposto do que os coletivos trazem. Diferente do que os coletivos fazem hoje, em que bordam nas ruas de forma consciente, expressando abertamente suas demandas, antigamente era algo doméstico e que contribuía para manter mulheres na posição de submissa e alienada

A divisão do público e privado feita entre homens e mulheres impactou diretamente a vida das mulheres. Não possuíam autonomia, e sendo excluídas da vida pública, conseqüentemente eram excluídas da vida política, como colocado por Susan Okin (2008, p. 314): “o que acontece na vida pessoal, particularmente nas relações entre os sexos, não é imune em relação à dinâmica de poder”. Portanto, as atividades domésticas quando recaem de forma quase total sobre mulheres acabam atrapalhando-as em se entenderem como indivíduos e reconhecer suas necessidades.

As mulheres que encontraram no bordado uma forma de se manifestarem rompem com essa exclusão política e reivindicam o bordado como algo que vai muito além de uma forma de se ocupar, sendo tanto uma forma de se manterem ativas politicamente, como também de manterem suas vidas sociais ativas durante a terceira idade. Essa forma de atuar politicamente também revela a necessidade que as pessoas sentem de se manifestar, pois como foi relatado por muitas das mulheres entrevistadas, mesmo quando já haviam se afastado de atuações políticas ainda não estavam satisfeitas com muitas atitudes do governo, e por já estarem em uma idade mais avançada precisavam de um instrumento que estivesse ao seu alcance para manifestar suas insatisfações, uma espécie de ativismo calmo.

E como o bordado também tendia a ser negligenciado e tido uma forma inferior de fazer arte, também o ressignificam como uma expressão artística, expondo-os nas redes sociais, nas ruas e até mesmo em museus. Se afastam de noções hierárquicas de arte, e utilizam positivamente a técnica do bordado livre.

No mais, ao contrário do esperado, em que ao escolherem um objeto ligado a práticas patriarcais mantivessem suas manifestações voltadas a temas de justiça de gênero e feminismo, as bordadeiras se mostraram extremamente amplas em relação as pautas defendidas, Todos os coletivos se mantem atualizados sobre a política no país e fazem questão de se movimentarem sobre temas que defendem, conservando seus ideais e ideologias.

Conforme o que foi relatado durante as entrevistas, a importância das emoções também se dá ao fato que o público-alvo se emociona ao ver essas mulheres bordando pelas ruas. Os bordados possuem essa característica familiar, e por isso, chama atenção de quem os vê, mesmo que não estejam necessariamente interessados na pauta, o fato da arte lhes trazer sentimentos afetuosos faz com que se sintam mais abertos para debater política.

Os coletivos também revelam ser algo além de uma ferramenta para se manifestarem politicamente, mas uma rede de apoio, em que essas mulheres nutrem carinho, respeito e amizade umas pelas outras. As ideias trazidas por Melucci (1995) ajudam a compreender como a partir da criação de vínculo emocional baseado em experiências compartilhadas cria-se a identidade coletiva do grupo. A empatia e solidariedade entre as integrantes se faz essencial para conseguirem manter o grupo em ativo, já que veem nele uma base apoio pessoal e político.

Em conclusão, essa pesquisa buscou apresentar uma forma de ativismo menos óbvia que revela muito sobre sentimentos, historicidade e desejo de participar da vida política. O movimento das bordadeiras políticas destaca a capacidade transformadora das mulheres de reinterpretar e reconfigurar práticas culturais, empregando-as como meio de expressão e instrumento de mudança social. Elas transformam os significados que o bordado carrega sem se desfazer de sua história. Além disso, revelam a importância do afeto em movimentos sociais, pois este faz com que as ativistas criem sentimentos afetuosos umas pelas outras, além de utilizarem o afeto e empatia como ferramentas para atrair mais pessoas para as causas que defendem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Ana Julia Melo. Bordado e resistência: a produção artesanal no nordeste brasileiro. São Paulo: Moda Documenta, 2016.
- BEAUVOIR, Simone. O Segundo Sexo. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- CFEMEA. Autocuidado e Cuidado Entre Ativistas. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.cfemea.org.br/index.php/pt/autocuidado-e-cuidado-entre-ativistas/o-que-e-autocuidado-e-cuidado-entre-ativistas>. Acesso em 10/12/2023.
- ERCAN, Selen, ASENBAUM, Hans & MENDONÇA, Ricardo. Performing Democracy: Non-verbal protest through a democratic lens. Performance Research. 27. 26-37. 10.1080/13528165.2022.2155393. 2023.
- FEDERICI, Silvia. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Editora Elefante, 2019.
- FRIEDAN, Betty. A mística feminina. Brasil, Rosa dos Tempos, 2020.
- GOODWIN, Jeff; JASPER, James M.; POLLETTA, Francesca. Why emotions matter. In: Passionate politics: emotions and social movements. Chicago: The University of Chicago Press, 2001.
- GRISALES, Mayuri. Mujeres que Tejen Memoria y Resistencia. Revista Internacional de Derechos Humanos. v.17 n.30. p. 159-162. Julho, 2020.
- MELUCCI, Alberto. The Process of Collective Identity. In: Social Movements and Culture. University of Minnesota, 1995.
- NICOLAV, Vanessa. Arpilleras: conheça a experiência de raiz chilena que tece a resistência de mulheres no Brasil. Brasil de Fato. 05 de novembro de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/11/05/arpilleras-conheca-a-experiencia-de-raiz-chilena-que-tece-a-resistencia-de-mulheres-no-brasil>. Acesso em 10 nov. 2023.
- OKIN, Susan Moller. Gênero, o Público e o Privado. Revista Estudos Feministas, v. 16, n. 2, p. 305-332, 2008. Tradução de: Flávia Biroli.
- OLIVEIRA, Gacira. Razões e emoções da luta feminista para sermos livres e pelo Bem Viver. In: Cuidado Entre Ativistas: Tecendo Redes para a Resistência Feminista. CFEMEA – Centro Feminista de Estudo e Assessoria, Brasília, 2015.
- PACHECO, Tatiana do S. C. As diferenças de gênero nos cuidados e na educação de meninos e meninas no Brasil no período colonial. Revista Cocar, [S. l.], v. 11, n. 21, p. 142–162, 2017.

PARKER, Rozsika. The Subversive Stitch_ Embroidery and the Making of the Feminine

PEREIRA, Aline. Arpilleras e as práticas artísticas contra-hegemônicas. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 15, 2021, virtual. Atas do XV Encontro de História da Arte. Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 15, 2022.

ROSA, Lorena de Souza. Bordado e Resistência: A prática tradicional como potência para a autonomia feminina. 2019. 55 f. Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

ROSA, Lorena de Souza. Sentir que não fiz nada enquanto faço tudo: mulheres artistas, trabalho e pandemia. 2022.
<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/34311/1/SentirQueN%e3%a3o.pdf>

SENNETT, Richard. O artífice. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. 364 p

SILVA, M. K.; RUSKOWSKI, B. DE O. Condições e mecanismos do engajamento militante: um modelo de análise. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 21, p. 187–226, set. 2016.

SOUZA, Vitória Diniz. Serão perfeitas donas de casa e distintas moças da sociedade: a escola doméstica em uma história da educação das sensibilidades femininas em Natal (1914-1945).

TAYLOR, Vera; RUPP, Leila. Loving Internationalism: The Emotion Culture of Transnational Women's Organizations, 1888-1945. Mobilization: An International Quarterly 7 (2). 2002.

TILLY, Charles. Contentious performances Cambridge: Cambridge University Press. 2008.

WESTIN, Ricardo. Para lei escolar do Império, meninas tinham menos capacidade intelectual que meninos. Agência Senado, 2 de mar. de 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/nas-escolas-do-imperio-menino-estudava-geometria-e-menina-aprendia-corte-e-costura>. Acesso em: 31 out. 2023.

APÊNDICE A – Questionário das entrevistas semiestruturadas

BLOCO 1: Informações sobre o perfil individual de cada bordadeira

- 1) Quando você começou a bordar e o que te levou a isso?
- 2) Você possui uma trajetória prévia com movimentos sociais e/ou questões políticas?

BLOCO 2: Causas defendidas e de que forma se manifestam

- 1) Quais são as causas que você defende e de que forma elas te tocam?
- 2) Qual a relevância de se posicionar politicamente?
- 3) Onde no espectro direita-esquerda você se localizaria?
- 4) Como o bordado pode ser usado para se posicionar e manifestar politicamente?
- 5) Qual a diferença entre se manifestar por meio do bordado e outras formas de expressão e participação política? O que se pode fazer com o bordado que não se pode fazer de outra maneira?

BLOCO 3: Coletivos de Bordadeira

- 1) Como você ingressou no coletivo?
- 2) Qual a importância de participar de coletivos?
- 3) Quantas pessoas participam do coletivo?
- 4) Como vocês se organizam internamente?
- 5) Que tipo de ações vocês realizam e como se articulam? Citar exemplos.
- 6) Você conhece outros coletivos de bordado político? Se sim, quais as diferenças entre eles?
- 7) Existem divergências entre percepções de bordado político?
- 8) De que forma a pandemia da Covid-19 atingiu a forma que se manifestam?